

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

REITOR JAIME ARTURO RAMÍREZ

VICE-REITORA SANDRA REGINA GOULART ALMEIDA

EDITORA UFMG

DIRETOR WANDER MELO MIRANDA

VICE-DIRETOR ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

CONSELHO EDITORIAL

WANDER MELO MIRANDA (PRESIDENTE)

DANIELLE CARDOSO DE MENEZES

EDUARDO DE CAMPOS VALADARES

ÉLDER ANTÔNIO SOUSA PAIVA

FAUSTO BORÉM

FLAVIO DE LEMOS CARSALADE

MARIA CRISTINA SOARES DE GOUVÊA

ROBERTO ALEXANDRE DO CARMO SAID

COORDENAÇÃO EDITORIAL MICHEL GANNAM

ASSISTÊNCIA EDITORIAL ELIANE SOUSA

DIREITOS AUTORAIS MARIA MARGARETH DE LIMA E RENATO FERNANDES

COORDENAÇÃO DE TEXTOS MARIA DO CARMO LEITE RIBEIRO

PREPARAÇÃO DE TEXTOS CAMILA FIGUEIREDO

REVISÃO DE PROVAS TALITA CORRÊA E FLAVIANA CORREIA

PROJETO GRÁFICO E CAPA FERNANDA MONTE-MÓR

FORMATAÇÃO FERNANDA MONTE-MÓR E CAROLINE GISCHESKI

PRODUÇÃO GRÁFICA WARREN MARILAC

EDITORA UFMG

AV. ANTÔNIO CARLOS, 6.627 – CAD II / BLOCO III

CAMPUS PAMPULHA – 31270-901 – BELO HORIZONTE/MG

TEL: + 55 31 3409-4650 – FAX: + 55 31 3409-4768

WWW.EDITORAUFG.COM.BR – EDITORA@UFMG.BR

CADERNOS TEMÁTICOS
JUVENTUDE BRASILEIRA E ENSINO MÉDIO

ORGANIZADORAS
LICÍNIA MARIA CORREA, MARIA ZENAIDE ALVES
E CARLA LINHARES MAIA

▼ JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: O CAMPO E A CIDADE

MARIA ZENAIDE ALVES
IGOR OLIVEIRA

BELO HORIZONTE
EDITORA UFMG
2014

© 2014, OS AUTORES

© 2014, EDITORA UFMG

ESTE LIVRO OU PARTE DELE NÃO PODE SER REPRODUZIDO

POR QUALQUER MEIO SEM AUTORIZAÇÃO ESCRITA DO EDITOR.

C122 Cadernos temáticos : juventude brasileira e Ensino Médio / Licinia Maria Correa, Maria Zenaide Alves, Carla Linhares Maia, organizadoras. – Belo Horizonte : Editora UFMG, 2014.

14 v. : il.

Inclui bibliografia.

Caderno 1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras / Carla Linhares Maia, Licinia Maria Correa – Caderno 2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas / Helen Cristina do Carmo, Licinia Maria Correa – Caderno 3. Os jovens e a escola / Geraldo Leão, Helen Cristina do Carmo – Caderno 4. Culturas juvenis e tecnologias / Juliana Batista dos Reis, Rodrigo Ednilson de Jesus – Caderno 5. Juventude e projetos de futuro / Sara Villas, Symaira Nonato – Caderno 6. Juventude e trabalho / Geraldo Leão, Symaira Nonato – Caderno 7. Juventude, indisciplina e regras escolares / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Sara Villas – Caderno 8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero / Paulo Henrique de Queiroz Nogueira, Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea – Caderno 9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade / Maria Zenaide Alves, Igor Oliveira – Caderno 10. Juventude e diversidade étnico-racial / Rodrigo Ednilson de Jesus, Juliana Batista dos Reis – Caderno 11. Juventudes e participação política / Igor Oliveira, Catherine Hermont – Caderno 12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens / Maria Zenaide Alves, Catherine Hermont – Caderno 13. Juventude, drogas e redução de danos / André Geraldo Ribeiro Diniz, Isabela Saraiva de Queiroz, Paulo Henrique de Queiroz Nogueira – Caderno 14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas / coordenadora: Shirlei Rezende Sales; colaboradores: Aline Gonçalves Ferreira ... [et al.]

ISBN: 978-85-423-0118-2

1. Juventude. 2. Juventude – Aspectos sociais. 3. Educação. I. Correa, Licinia Maria. II. Alves, Maria Zenaide. III. Maia, Carla Linhares.

CDD: 305.23

CDU: 301.16

CADERNOS DESTA COLEÇÃO

APRESENTAÇÃO

Licinia Maria Correa

Maria Zenaide Alves

Carla Linhares Maia

VER, OUVIR E REGISTRAR:

COMPONDO UM MOSAICO DAS

JUVENTUDES BRASILEIRAS

Carla Linhares Maia

Licinia Maria Correa

◆ O ENSINO MÉDIO NO BRASIL: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Helen Cristina do Carmo

Licinia Maria Correa

◆ OS JOVENS E A ESCOLA

Geraldo Leão

Helen Cristina do Carmo

● CULTURAS JUVENIS E TECNOLOGIAS

Juliana Batista dos Reis

Rodrigo Ednilson de Jesus

● JUVENTUDE E PROJETOS DE FUTURO

Sara Villas

Symaira Nonato

■ JUVENTUDE E TRABALHO

Geraldo Leão

Symaira Nonato

◆ JUVENTUDE, INDISCIPLINA E REGRAS ESCOLARES

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Sara Villas

▲ JUVENTUDES, SEXUALIDADES E RELAÇÕES DE GÊNERO

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

Anna Claudia Eutrópio B. d'Andrea

▼ JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: O CAMPO E A CIDADE

Maria Zenaide Alves

Igor Oliveira

● JUVENTUDE E DIVERSIDADE
ÉTNICO-RACIAL

Rodrigo Ednilson de Jesus

Juliana Batista dos Reis

● JUVENTUDES E
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Igor Oliveira

Catherine Hermont

● ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS
DE TRABALHO COM JOVENS

Maria Zenaide Alves

Catherine Hermont

● JUVENTUDES, DROGAS
E REDUÇÃO DE DANOS

André Geraldo Ribeiro Diniz

Isabela Saraiva de Queiroz

Paulo Henrique de Queiroz Nogueira

▼ PROPOSTAS DE RODAS
DE DIÁLOGO: ATIVIDADES
E OFICINAS

Coordenadora:

Shirlei Rezende Sales

Colaboradores:

Aline Gonçalves Ferreira,

Camila Said, Douglas Resende,

Francielle Vargas,

Henrique Cosenza,

João Perdigão, Michel

Montandon, Silvia Amélia

Nogueira de Souza

/ APRESENTAÇÃO

Caro leitor,¹

Você está recebendo a coletânea *Cadernos temáticos: juventude brasileira e Ensino Médio*. Estes cadernos foram elaborados, primordialmente, como referencial didático-metodológico produzido para o curso de atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI, ministrado durante os anos de 2012 e 2013 para professores das redes estaduais de ensino participantes do Programa Ensino Médio Inovador.

O curso constitui-se em uma das ações do projeto Diálogos com o Ensino Médio, desenvolvido pelo Observatório da Juventude da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG e pelo Observatório Jovem da Universidade Federal Fluminense – UFF, em parceria com o Ministério da Educação.

Nosso principal desafio foi oferecer a professores de todo o país instrumental teórico, metodológico, didático

e pedagógico que lhes permitisse dialogar com a diversidade juvenil, principalmente com as juventudes que estão imersas no cotidiano de suas escolas.

Nesse sentido, o objetivo principal na elaboração deste material é fornecer subsídios para que professores do Ensino Médio e licenciandos possam refletir sobre essa etapa de ensino e, mais especificamente, sobre os temas que remetem aos sujeitos, jovens alunos com os quais atuam ou atuarão. A experiência de construção e utilização do material didático durante o curso Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador mostrou-se profícua e assertiva, sendo referendada por professores cursistas, professores tutores e formadores. O êxito do processo formativo e as avaliações positivas por parte dos professores cursistas estimularam nosso desejo de que esse material chegasse até você e fosse compartilhado com professores que atuam diretamente junto aos jovens. A publicação deste material didático em formato impresso traduz e concretiza nosso desejo.

A coletânea foi elaborada em formato de cadernos temáticos, com 13 cadernos referentes aos temas abordados nos módulos do curso e um caderno com propostas de atividades e oficinas que cada professor poderá desenvolver na escola, explorando os temas discutidos, que são:

1. Ver, ouvir e registrar: compondo um mosaico das juventudes brasileiras;
2. O Ensino Médio no Brasil: desafios e perspectivas;
3. Os jovens e a escola;
4. Culturas juvenis e tecnologias;
5. Juventude e projetos de futuro;
6. Juventude e trabalho;
7. Juventude, indisciplina e regras escolares;
8. Juventudes, sexualidades e relações de gênero;
9. Juventudes e territórios: o campo e a cidade;
10. Juventude e diversidade étnico-racial;
11. Juventudes e participação política;
12. Estratégias metodológicas de trabalho com jovens;
13. Juventudes, drogas e redução de danos;
14. Propostas de rodas de diálogo: atividades e oficinas.

Os cadernos foram organizados por cores, cada cor tratando de uma temática desenvolvida no curso. Essa organização indica uma ordenação não hierárquica e não linear entre as temáticas e permite que você, leitor, possa ler os cadernos na ordem que escolher, construindo, assim, o seu percurso de leitura e reflexão. Desse modo, os cadernos temáticos são independentes e, ao mesmo

tempo, complementares. São independentes porque você pode começar sua leitura pelo tema que desejar ou necessitar. Complementares, porque um tema chama outro. Ou seja, nossa intenção foi produzir textos dialógicos, interativos e formativos. Os textos trazem sugestões de atividades para você realizar individualmente, com seus colegas e com seus jovens alunos.

As reflexões suscitadas em suas leituras podem ser aprofundadas com material complementar, disponível na internet, nos sites do *PORTAL EMDIÁLOGO* ([HTTP://WWW.EMDIÁLOGO.UFF.BR/](http://www.emdiologo.uff.br/)) E DO JUBEMI ([HTTP://WWW.OBSERVATORIO DAJUVENTUDE.UFMG.BR/JUBEMI](http://www.observatorio.dajuventude.ufmg.br/jubemi)). Assim, convidamos você, leitor, a compartilhar conhecimentos sobre os temas, questões, leituras e debates sobre o Ensino Médio, tendo como eixo orientador os jovens alunos, sujeitos do processo educativo que se desenvolve em sua escola.

Licinia Maria Correa
Maria Zenaide Alves
Carla Linhares Maia

→ NOTA

- 1 Para garantir uma melhor fluidez na leitura, as organizadoras desta publicação optaram por extinguir, em alguns casos, as distinções de gênero que se faziam presentes em muitos textos. As organizadoras, no entanto, reconhecem a importância e a pertinência de tais distinções.

Maria Zenaide Alves
Igor Oliveira

/ JUVENTUDES E TERRITÓRIOS: O CAMPO E A CIDADE

→ INICIANDO O MOSAICO

Caro leitor,

Este caderno pretende provocar algumas reflexões sobre a relação entre juventude, territórios e escola. Esse é um aspecto muito importante para ampliarmos nosso olhar sobre a educação e sobre a própria escola. Mas o que a noção de *territórios* tem a ver com juventude e escola?

Como pensar a relação entre territórios e educação? E o que territórios têm a ver com juventude? Você já parou para perceber o território em que você vive e no qual a escola em que você trabalha está inserida? A rua, o bairro, a comunidade, o distrito ou o povoado que habitamos dizem muito a respeito de nossas vidas e também a respeito do modo como nos relacionamos com os outros e com as coisas ao nosso redor.

Imagine uma pessoa que mora em um apartamento localizado em um prédio no centro de uma metrópole do Brasil. Trânsito de pessoas e veículos, grandes avenidas e ruas agitadas, comércio intenso são peças que conformam o território onde essa pessoa vive. Essa mesma pessoa pode usufruir de uma série de serviços, opções de lazer, transporte e outras facilidades, por um lado, mas também pode ter algumas perdas em relação à vivência nesse território, por outro. Por exemplo, suas possibilidades de conversar com um vizinho na rua ou de ter uma vivência comunitária no bairro podem ser reduzidas, não é mesmo? Ela pode trabalhar em uma escola distante de sua casa e, conseqüentemente, conhecer muito pouco a realidade dos estudantes com os quais trabalha. De um lado, as mídias a conectam com o mundo, promovem informação e entretenimento; de outro, as distâncias, o *rush* e a insegurança podem restringir seus movimentos nesse território.

Agora, imagine outra pessoa que vive em uma cidade pequena, no interior do país. Sua vida pode ser bastante diferente daquela que mora na metrópole. Ela pode conhecer e ter uma relação mais próxima com seus vizinhos e com as pessoas da própria cidade, participar da vida comunitária e até mesmo conhecer as famílias e os estudantes de sua escola: onde moram, como vivem, com quem convivem etc. Por outro lado, essa pessoa, às vezes, precisa se deslocar para uma cidade grande, quando necessita de alguns serviços

públicos, como um atendimento médico mais complexo, ou tem de se deslocar para comprar algo que não tenha em sua cidade.

Essas situações hipotéticas descritas acima sobre a vida em uma grande metrópole e a vida em uma cidade pequena podem também ser diferentes pela razão de as vivências em ambos os territórios serem variadas. Existem determinados padrões de vida que podem ser influenciados pelos territórios, mas isso não deve ser visto de forma determinista. Pode ser que alguém vivendo em uma cidade pequena não se relacione com a vizinhança e com os alunos da escola e pode ser que alguém morando em uma cidade grande viva e trabalhe no mesmo bairro, tendo uma vivência comunitária ativa ou que, mesmo morando longe do trabalho, encontre estratégias para se aproximar da realidade dos seus alunos. As vivências nos diferentes territórios, portanto, podem ser múltiplas.

Por fim, imaginemos uma situação em que *juventude, territórios e escola* possam estar diretamente relacionados. Pensemos em uma escola localizada num município considerado médio, com uma população considerável que viva no campo. Imaginemos ainda que grande parte dos jovens estudantes que frequentam essa mesma escola venha das áreas rurais. Certamente, uma escola como essa possui características particulares que devem ser levadas em consideração. Essa escola pode funcionar da mesma forma

que uma escola que recebe estudantes urbanos? Como trabalhar no interior da escola com as vivências trazidas pelos estudantes em seus territórios, seus conhecimentos e práticas nos processos educativos? Essas são algumas das questões que discutiremos neste caderno.

Maria Zenaide e Igor

Mas, afinal, o que estamos entendendo por território?

O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território, deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população.¹

O geógrafo baiano Milton Santos é um dos mais respeitados intelectuais brasileiros e conhecido mundialmente pela genialidade da sua obra. Trabalha, dentre outros, com os conceitos de espaço e território, que nos serviram de referência para a escrita deste caderno.

A noção de território² inclui o uso que as sociedades e comunidades humanas fazem do espaço. Essa noção foi trabalhada pelo geógrafo Milton Santos, como vimos acima. O autor enfatiza que o território é *espaço vivido* e que, por isso, é construído socialmente pelos sujeitos sociais em suas ações. O território engloba a produção da vida humana em sentido mais amplo, envolvendo as dimensões da produção material da existência, circulação e consumo, bem como as dimensões subjetiva, simbólica, cultural, ética, moral, estética etc. A constituição social dos territórios se dá, então,

através das relações que os indivíduos e grupos humanos neles estabelecem. Essas relações no território abarcam conflitos, interesses, convergências e relações de poder. Por exemplo, pense em uma cidade com bairros muito ricos e muito pobres (em geral nas periferias e favelas). Quais bairros são mais visados pela polícia? Quais são mais privilegiados pelo poder público? É assim que a ocupação do território envolve conflitos e disputas de poder, porque são muitos os interesses em jogo. Uma imagem que ilustra bem essa questão é a do *mapa mundi* noturno, mostrado abaixo, utilizada certa vez pelo próprio Milton Santos para chamar atenção para as desigualdades no nosso planeta. Quanto mais rico o território, mais iluminado. Falaremos mais sobre essa questão.



Fonte: NASA Earth Observatory/NOAA NGDC. Disponível em: <http://www.nasa.gov/mission_pages/NPP/news/earth-at-night.html>.

→ OBSERVANDO FORMAS E TEXTURAS

Vamos continuar aprofundando nessa conversa? Apresentamos agora algumas reflexões acerca da relação entre *territórios e juventude*.

Pensar o tema *territórios e juventudes* exige pensar a maneira como os jovens constroem e dão significados aos espaços, através dos locais que frequentam, dos estilos de vida, da produção de culturas juvenis, dos padrões de consumo, das relações e da sociabilidade. Exige também pensar de que forma os espaços vividos, construídos e (re)significados pelos jovens influenciam suas escolhas e seus modos de vida. Por exemplo, se o jovem se envolve com grupos culturais, religiosos ou esportivos, e a escola conhece esse envolvimento, isso pode se tornar um importante elemento de diálogo com esse jovem. Do mesmo modo, se o jovem dá sinais de que está frequentando outros espaços do território, reconhecidos pelo comércio e uso de entorpecentes, isso pode ser uma porta de acesso para abordar as inúmeras questões relativas ao uso e comércio de drogas, assunto que pode ser de interesse da juventude e que pode afetar suas vidas, suas famílias e o ambiente escolar.

Existem dois vídeos que nos ajudam a pensar sobre essas questões. O primeiro é intitulado *Diz aí juventude rural – identidade*³ e nos mostra um mosaico de retratos dos jovens que vivem em zonas rurais do

Brasil. Já o segundo vídeo, intitulado *Domingo nove e meia*,⁴ foi produzido de forma autônoma por um grupo de jovens de Belo Horizonte que procura retratar movimentos de apropriação e (re)significação do espaço urbano na cidade de Belo Horizonte.

É interessante constatar que ambos nos mostram a especificidade das juventudes – no *campo* e na cidade – e suas formas de apropriação, (re)significação, produção e vivência nos territórios. Obviamente, esses dois vídeos não dão conta de retratar os vários “campos” e as várias cidades brasileiras, mas apresentam muitos elementos imprescindíveis para compreendermos a relação entre juventude e território. Vamos refletir melhor sobre as questões que aparecem nos vídeos.

Os jovens no território. Juventudes no campo...



Baile na roça
Fonte: arquivo pessoal dos autores

Embora, por questões didáticas, utilizemos dois vídeos distintos, é importante dizer que não é possível pensar o campo e a cidade como se fossem duas coisas isoladas, independentes, desconectadas uma da outra. Ou seja, os territórios não estão fechados nas suas fronteiras. Eles se expandem por meio das sociabilidades e da mobilidade humana e, por essa razão, entendemos que os sujeitos que ali vivem não estão e nem devem estar parados, fixados no campo ou na cidade. Por conta disso, os sujeitos da nossa prática levam para o interior da escola identidades híbridas, ou seja, que contêm elementos diversos, que não estão definidas estaticamente, mas são construídas e reconstruídas cotidianamente, influenciadas pelo “vai e vem” dentro do território e entre os territórios (“vai e vem” de pessoas, de bens de consumo, de mercadorias, de informações etc.).

Vamos continuar essa discussão, explicitando o que entendemos por *campo*. Repare que, no vídeo, alguns jovens referem-se ao território onde vivem como “campo”; outros dizem “zona rural”; outros ainda dizem que vivem “na roça”. Essas nomenclaturas, em geral, são utilizadas como sinônimos. No entanto, carregam significados ideológicos bem demarcados.

“Roça” é um termo bastante utilizado pelos próprios moradores desse território, sobretudo, em algumas regiões do país. “Campo” é mais utilizado por estudiosos e movimentos sociais do campo, em geral, ligados às

questões educacionais, em defesa de uma “educação do campo”, ou seja, uma educação pautada nos princípios, valores, necessidades e na diversidade dos povos do campo. Esse termo se contrapõe ao de “educação rural”, pautada nos princípios e valores do capitalismo agrário, do agronegócio, na suposta incapacidade e inferioridade dos moradores do campo e desconsiderando seus anseios, demandas, necessidades e os saberes que trazem para a escola.

Diante dessas três possibilidades, optamos por utilizar a terminologia *campo*, por considerarmos que o termo abarca a diversidade que caracteriza as condições de vida da juventude do campo brasileiro. A opção é política, porque a educação, como defende Paulo Freire, é um ato essencialmente político. Assim sendo, a educação para escolas do campo e para jovens do campo não pode ser reduzida a uma adaptação. São necessárias e urgentes práticas escolares apropriadas para os sujeitos desses territórios.

O vídeo *Diz aí juventude rural – identidades* retrata diversos aspectos que caracterizam a condição juvenil no campo e a forma como os jovens se apropriam do território. Pensando nisso, vamos discutir alguns elementos que aparecem nesse vídeo e que nos mostram como os jovens do campo se apropriam do território como espaço de lazer e sociabilidade, de produção cultural, de trabalho, de vivência familiar, de produção de saberes, de construção de subjetividades etc.

Começemos por dois elementos que são fundamentais da condição juvenil: o lazer e a sociabilidade que, para os jovens do campo, podem ser vivenciados por meio do futebol, do jogo de truco e de encontros na casa dos amigos – como diz um jovem no vídeo: “fazer janta na casa de um amigo” (encontros que, em algumas regiões do Brasil, são chamados de “resenhas”); há também banho nos rios e cachoeiras, bailes e festas comunitárias e outras formas.

O mais interessante nesse aspecto é que, em muitos casos, os próprios jovens são produtores, organizadores e consumidores desses espaços e momentos, às vezes, apenas por diversão, às vezes, como uma forma de conseguir dinheiro para suas demandas. É o caso dos concluintes do Ensino Médio que promovem bailes, bingos e outros eventos, unindo diversão e possibilidade de renda para a formatura.

Eles também se apropriam do território por meio do trabalho, seja no “serviço da roça”, como diz um jovem no vídeo, seja no trabalho doméstico que, muitas vezes, nem é considerado trabalho por não ser uma fonte de renda. A escola precisa estar atenta a esses aspectos e saber reconhecer esse jovem na sua relação com o trabalho.

O vídeo também mostra como os jovens do campo percebem as relações de poder que caracterizam os territórios. Ser da roça, ser do campo, ser trabalhador rural, ser assentado são identidades que podem ser vistas como inferiores em contextos urbanos.

Repare que existem diversos aspectos que compõem essa identidade. Por exemplo, no nosso país, as nossas juventudes são marcadas por uma imensa diversidade que se manifesta em aspectos como a linguagem, os estilos musicais, os modos de vida, os tipos de roupa, os valores, ou seja, a cultura. Infelizmente, algumas pessoas entendem o conceito de “cultura” de forma equivocada e, por conta disso, acreditam que uns têm cultura e outros não, ou que uma cultura é melhor que a outra. Por pensarem assim, alguns acreditam que os moradores do campo não têm cultura.

Vemos isso também entre os próprios jovens, com as culturas juvenis, no caso dos estilos musicais, só para citar um exemplo, em que alguns jovens acreditam que *hip-hop* é melhor que sertanejo, ou que quem gosta de MPB tem mais cultura do que quem prefere axé. Isso é uma visão equivocada do conceito de cultura. É o que chamamos de etnocentrismo, ou seja, quando alguém acredita que o seu modo de ser e estar no mundo é o correto, é o melhor, geralmente com uma postura unilateral.

O que vemos na juventude brasileira contemporânea é uma diversidade cultural, e essa diversidade constitui uma riqueza de que a escola pode e deve se apropriar, reconhecendo e afirmando o direito à diferença, desmistificando qualquer hierarquia cultural e apresentando aos jovens outros universos, outras possibilidades. É nesse cenário plural e inclusivo, no

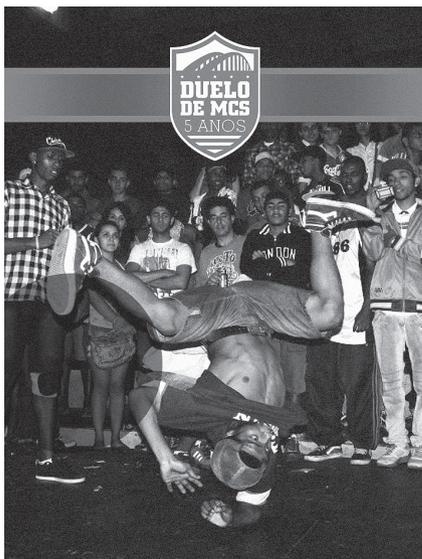
emaranhado de relações, que se pode discernir – a partir das culturas – alguns elementos transversais importantes para todos os sujeitos, como referência para os direitos, a qualidade de vida, a autoafirmação e o exercício social das liberdades. Mas não se constrói sociedades, nem se educa adequadamente, se a abordagem for excludente, unilateral e negadora das diversidades. Educar para a diversidade e para o interculturalismo também é tarefa da escola e de seus sujeitos. Observar e acolher o dinamismo dos territórios juvenis faz parte do olhar e ouvir os jovens alunos.

Por exemplo, os jovens do campo, em geral, preferem estilos musicais como o sertanejo, o “modão”, o tecnobrega, a moda de viola, mas isso não significa que eles também não possam gostar de *rock*, de *rap*, de *funk* – em geral, mais apreciados pelos jovens das periferias urbanas – ou mesmo de outros estilos musicais, como a bossa-nova ou a música clássica. Para gostar, é preciso conhecer!

Os jovens no território. Juventudes e a cidade...

O vídeo *Domingo nove e meia* nos traz uma série de reflexões interessantes sobre os modos de apropriação e (re)significação dos jovens do espaço urbano. Ou seja, a partir do vídeo, podemos refletir sobre as variadas possibilidades criadas e inventadas pelos jovens de usos dos espaços da cidade. No caso de *Domingo*

nove e meia, o vídeo nos mostra que os jovens se valem de um espaço embaixo de um viaduto na região central de Belo Horizonte para fazerem apresentações musicais e performances, realizarem debates sobre a cidade, trocarem materiais, jogarem bola, enfim, para se encontrarem e se relacionarem. Logo no início do vídeo, é anunciado o objetivo do evento: “A ideia de fazer da rua um espaço de encontro e mobilização da rapaziada belo-horizontina.



Cultura *hip-hop*. *Flyer* comemorativo de 5 anos do Duelo de Mc's em Belo Horizonte
Fonte: arquivo pessoal dos autores

As culturas juvenis urbanas nos mostram também a influência cada vez maior que os jovens recebem de referências culturais globais. O *punk*, por exemplo, é uma cultura juvenil que nasceu na Inglaterra e que circula por muitas das grandes cidades do mundo. Mas o jovem *punk* de uma cidade brasileira não é o mesmo jovem *punk* de uma cidade inglesa, apesar de possuírem vários aspectos em comum. Nas sociedades globais, portanto, as culturas convivem com a tensão entre o local e o global. As cidades, nesse contexto, também são permeadas por esses processos. Quanto mais global é uma cidade, maior é o grau de diversidade cultural. Os jovens são um bom termômetro para percebermos isso.

Nesse sentido, as cidades e seus espaços são o lugar em que os jovens “desfilam” seus variados estilos de vida e modos de ser. A cidade, como lugar do desenvolvimento das individualidades por excelência, é, por assim dizer, o grande laboratório de criação, recriação e fomento das culturas juvenis. Ao usarem os espaços da cidade, ao darem significado e sentido a determinados lugares da cidade, os jovens constroem e demarcam territórios por onde circulam. Cada cultura juvenil distinta cria a cidade ao seu modo. Nesse sentido, podemos ampliar nosso olhar e passar a perceber que, por exemplo, certos bares são frequentados por jovens de uma determinada cultura juvenil ou que uma dada praça, em determinado dia, pode abrigar jovens de estilos de vida variados.

No trânsito e na movimentação pela cidade, os jovens e suas diferentes culturas vão deixando pistas dos lugares com que se identificam. Essas pistas apontam para apropriação e (re)criação dos espaços urbanos, ou seja, apontam para os usos que os jovens fazem dos lugares da cidade (do território). Assim sendo, é importante conhecer e considerar os conhecimentos que eles trazem para a escola acerca de suas experiências vividas na cidade. Essas experiências podem nos revelar muitas questões sobre as cidades onde vivemos como, por exemplo: a cidade em que vivo é desigual? Como são distribuídos os serviços públicos na cidade onde vivo? Há igualdade de oportunidades? Os diferentes bairros e territórios são tratados da mesma forma pelo poder público municipal?

A ocupação do território e as migrações...

A ocupação do território, como já foi dito, reflete relações de poder. Dentro do território brasileiro, as desigualdades entre campo e cidade ou entre Norte e Sul são visíveis, assim como entre bairros dentro de uma cidade ou entre zonas rurais com características distintas. Essas desigualdades econômicas, políticas e sociais, bem como as diferenças linguísticas e culturais, alimentam alguns estigmas relativos aos moradores de determinados territórios. Repare no personagem da charge a seguir:



Você identifica esse personagem como um sujeito do campo ou da cidade? Que elementos te levam a essa conclusão? Que estereótipos estão evidenciados a respeito dos povos do campo?

A charge aponta para a hibridez campo-cidade de que falamos no início. Por exemplo, sabemos que o acesso às tecnologias e ao consumo de bens e serviços não é exclusivo do campo ou da cidade. Ou seja, aquela imagem estereotipada e ridicularizada dos povos do campo, retratada pela figura do Jeca Tatu, de Monteiro Lobato, não faz sentido na realidade brasileira atual (se é que algum dia fez sentido). Não é *esse* o jovem que os professores das escolas do campo encontrarão, um sujeito isolado do mundo, fixado no campo e ignorante em relação aos modos de vida da cidade.

Mas o fato é que as desigualdades e as diferenças que inferiorizam alguns territórios acabam por estigmatizar os sujeitos que ali vivem. Não é à toa que muitos jovens que moram na favela evitam dizer seu endereço quando vão procurar emprego. Da mesma forma, alguns jovens do campo tentam esconder esse aspecto da identidade quando estão na cidade, como diz um jovem do vídeo *Diz aí juventude rural*, por saber que serão tratados como inferiores.

Aliado a isso, as relações de poder entre territórios, mediadas por interesses diversos, acabam por influenciar, ou mesmo estimular, mudanças na ocupação do território, ou seja, incentivar as *migrações*.

A migração sempre fez parte da história da humanidade e da história do nosso país também. Aqui no Brasil, a migração teve características distintas em diferentes períodos históricos: a entrada de estrangeiros no Brasil, em diferentes períodos e por razões distintas (africanos, europeus, asiáticos...); a saída de moradores do campo rumo aos grandes centros urbanos, que alguns estudiosos chamam de *êxodo rural*; a saída de pessoas das regiões Norte/Nordeste para o Sul/Sudeste/Centro-Oeste e, mais recentemente, a saída de brasileiros para outros países, a migração internacional.

E você, professor do Ensino Médio, deve estar se perguntando o que tem a ver com isso. Muita coisa! Isso porque os jovens são os principais atores dos movimentos migratórios. De acordo com a Organização

das Nações Unidas, jovens entre 20 e 24 anos compõem o grupo mais propenso a migrar dentro dos seus países e entre diferentes países, seguidos daqueles situados na faixa etária entre 15 e 19 anos.⁵ Por isso, é tão importante que a escola problematize com os alunos as questões relativas à ocupação do território, à mobilidade humana entre territórios e às relações de poder que, muitas vezes, provocam as migrações.

Por exemplo, um jovem do sertão que sofre com a seca ou cuja família foi desalojada pela construção de uma barragem acaba vendo na migração para a cidade o único caminho para a sobrevivência. Ou ainda, um jovem que precisa ajudar no sustento da família e não encontra trabalho na região onde mora acaba tendo que sair em busca de trabalho. Alguns jovens emigram sem data para voltar, outros emigram por um período curto, o que chamamos de *migração sazonal* (o jovem vai para a colheita de café, por exemplo, e retorna ao final da safra).

E você, tem na sua escola jovens alunos que já viveram, sozinhos ou com a família, alguma dessas experiências migratórias? Que marcas a origem territorial pode deixar nos sujeitos? De que modo a história de vida dos migrantes pode ser trabalhada pela escola?

E a escola, como pode lidar com as questões aqui apresentadas?

A partir da vivência no território, os jovens acumulam diferentes saberes que podem ser explorados dentro da escola e trabalhados por professores de diferentes áreas. Imagine, por exemplo, quantos saberes são necessários para plantar uma horta ou mesmo para organizar um evento cultural, algo que muitos jovens fazem com certa desenvoltura. Embora nem sempre tenham noção para desenvolver essas atividades, esses jovens precisam lançar mão de conhecimentos da Botânica, da Matemática, da Biologia, da Língua Portuguesa etc., e a escola pode se apropriar dessas experiências para promover uma aprendizagem significativa.

Outro exemplo: pensando nas culturas juvenis vivenciadas no território, elas trazem para dentro da escola elementos significativos que podem e devem ser explorados por diferentes áreas.

Os jovens quase sempre utilizam determinada linguagem, gírias, regionalismos ou algumas expressões próprias para diferenciá-los enquanto grupo. Um professor de Língua Portuguesa ou de História poderia utilizar a linguagem própria de cada território para trabalhar questões como a dinamicidade da língua, os diferentes períodos da nossa história manifestos no modo de falar, o sistema de classes e relações de poder, entre outras.⁶

Pensando agora a partir dos desejos de consumo dos jovens, os professores poderiam levantar as diversas denominações dadas ao dinheiro ao longo da história, por diferentes grupos, em diferentes regiões ou ainda outras moedas de troca, além do papel-moeda utilizado pelo nosso sistema monetário, formas de financiamento e condições de pagamento. No campo do poder público e da democratização, há também diversas nomenclaturas para ladrões e corruptos: gatuno, salafrário, vigarista, assecla, malandro, infrator; com aspectos psicológicos, sociais e idiomáticos interessantes para o estudo da Sociologia ou da Língua Portuguesa.

Para finalizar, pensemos, por exemplo, que professores que trabalham nas escolas dos grandes centros urbanos podem ter como alunos, sentados lá na sua sala de aula, jovens que fizeram o percurso do campo para a cidade ou do Norte para o Sul, assim como professores que estão nas escolas do interior podem ter muitos alunos com planos de emigrar. Ou ainda, um aluno em sua sala de aula pode ter o pai, a mãe ou ambos vivendo distantes por terem emigrado. A história de vida desses jovens pode fornecer elementos importantes para se trabalhar questões diversas em todas as disciplinas do currículo. Já pensaram nisso? Que tal explorar essas peças para buscar desvelar a juventude que compõe sua realidade escolar?

→ OUTRAS CORES

Deixamos aqui algumas sugestões de ferramentas por meio das quais vocês podem aprofundar as questões discutidas:

Você pode acessar o vídeo *Juventude rural do Ministério do Desenvolvimento Agrário* e fazer o download através do site <http://www.mda.gov.br/portal/tvmda/videos-view?video_id=3626279>.

A revista *Educação, Sociedade e Cultura* traz vários artigos abordando o tema escola e território que você também pode ter acesso gratuito através do site <<http://www.fpce.up.pt/ciie/revistaesc/pagina20.htm>>.

O livro *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontros e sociabilidade*, organizado por Bruna Mantese de Souza e José Guilherme Cantor Magnani, procura transmitir à sociedade informações valiosas relacionadas à realidade urbana através da atuação de grupos de jovens na cidade de São Paulo. Informações sobre esse livro estão disponíveis no site: <http://www.n-a-u.org/licereV11N01_fpd.pdf>.

→ NOTAS

- 1 SANTOS, 2000, p. 96.
- 2 Para saber mais: <http://www.unibem.br/cursos/geografia/homenagens_arq/por_uma_outra_globalizacao.pdf>.
- 3 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=AlhqskKjriw>>.
- 4 Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=Zx3CrgLVy6Q>>.
- 5 ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas, 2006.
- 6 Quer refletir melhor sobre essa questão ou discutir com seus jovens alunos? Que tal fazer isso a partir da música “Herdeiro da pampa pobre”, do grupo Engenheiros do Havaí, ou do clássico “Asa branca”, de Luís Gonzaga? Seguem os links: <<http://letras.terra.com.br/engenheiros-do-hawaii/45728/>> e <<http://letras.terra.com.br/luiz-gonzaga/47081/>>.

→ REFERÊNCIAS

ABRAMO, Helena W. *Cenas juvenis: punks e darks no espetáculo urbano*. São Paulo: Scritta, 1994.

ALVES, Maria Zenaide; PAULA, Simone Grace. Juventude de formação de professores. *Revista Presença Pedagógica*, n. 97, jan./fev. 2011.

ALVES, Maria Zenaide. *Ser alguém na vida*. Condução juvenil e projetos de vida de jovens moradores de um município rural da microrregião de Governador Valadares – Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.

CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues. Jovens, territórios e práticas educativas. *Revista Teias*, v. 12, n. 26, 2011.

CARRANO, Paulo. *Territórios juvenis*. Disponível em: <<http://www.blogacesso.com.br/?p=110%E2%80%99>>. Acesso em: 10 set. 2012.

DAYRELL, Juarez. *A música entra em cena: o funk e o hip-hop na socialização da juventude em Belo Horizonte*. 409f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

FEIXA, Carlos. *De jóvenes, bandas y tribus*. Barcelona: Editorial Ariel, 1998.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; SOUZA, Bruna Mantese de (Org.). *Jovens na metrópole: etnografias de circuitos de lazer, encontro e sociabilidade*. São Paulo: Terceiro Nome, 2007.

MENEZES NETO, Antonio Júlio. Formação de professores para a educação do campo: projetos sociais em disputa. In: MARTINS, Aracy Alves; ROCHA, Maria Isabel Antunes. *Educação do campo: desafios para a formação de professores*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. *International Migration Report 2006: A Global Assessment*. United Nations: New York, 2006. Disponível em: <http://www.un.org/esa/population/publications/2006_MigrationRep/report.htm>. Acesso em: 15 jan. 2009.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. São Paulo: Record, 2000.

SILVA, Maria Auxiliadora da (Org.). *10 anos sem Milton Santos*. Brasília: Alba, 2011.

→ SOBRE OS AUTORES

MARIA ZENAIDE ALVES

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora da Universidade Federal de Goiás. Integrante do Observatório da Juventude da UFMG. Coordenadora do curso de atualização Juventude Brasileira e Ensino Médio Inovador – JUBEMI.

IGOR OLIVEIRA

Graduado em História pela UFMG. Mestre em Educação pela UFMG e integrante do Observatório da Juventude da UFMG.

